

8. Género

Vulnerabilidad e resistência: um estudo sobre as mulheres em situação de rua em Porto Alegre

Pedroni, Gabriela; Sarmiento, Caroline Silveira

gabipedroni28@gmail.com

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O trabalho aborda o tema das mulheres em situação de rua e tem como objeto as singularidades, demandas e desafios dessa população. A intersecção entre as categorias de pessoas em situação de rua e gênero tem como objetivo compreender as vivências das mulheres que fazem da rua o seu espaço privado e como os marcadores de gênero influenciam e impactam em seu cotidiano. A reflexão proposta está inserida em um projeto maior, que vincula Pesquisa e Extensão Universitária, e tem por intuito observar os circuitos de atenção às pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre/RS. A pesquisa utiliza procedimentos metodológicos quantitativos, através da análise do banco de dados referente ao Cadastro e Mundo da População de Rua, realizado no ano de 2016; e qualitativos, a partir de entrevistas em profundidade com mulheres em situação de rua. O trabalho está em desenvolvimento, no entanto, resultados preliminares apontam que a despeito de haver estratégias de resistência das mulheres para atuarem como sujeitos ativos de suas vidas - o que contribui para romper com uma visão essencialista e vitimista -, as condições materiais de vulnerabilidade social ainda estão presentes, bem como a dificuldade de acesso às políticas públicas existentes para as mulheres e a ausência de políticas específicas.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres em situação de rua, Vulnerabilidade, Resistência.

Introdução

O presente trabalho é resultado de reflexões a partir do envolvimento com a população de rua em Porto Alegre desde 2015, através de atividades de pesquisa e

extensão no projeto intitulado Direitos Humanos, Moralidades e Subjetividades nos Circuitos de Atenção às Pessoas em Situação de Rua, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do

Sul (UFRGS). O trabalho de campo foi realizado majoritariamente pela inserção no Jornal Boca de Rua¹ bem como, pelo contato com os participantes do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR).

Ao realizar esse trabalho, percebemos a relevância de compreender as vivências da rua através do recorte de gênero, uma vez que as mulheres integrantes desses espaços tinham demandas distintas daquelas referentes a toda a população, ou ainda, da população masculina presente na rua. A realização de uma matéria em particular trouxe ao centro do debate as particularidades dessas mulheres.

Em março de 2016, na edição nº 59, os integrantes do Jornal Boca de Rua decidiram realizar uma matéria especial sobre as mulheres em situação de rua. Mesmo com mais de 15 anos de publicações deste jornal, foi a primeira vez que esse tema foi trazido, ainda mais como a matéria de capa. Assim, a partir desta pauta emergiram inúmeras questões que até então estavam

invisibilizadas nas reuniões, tanto do jornal, quando do movimento, assim como dos debates públicos a respeito dessa população. Diversas mulheres em situação de rua relataram situações e problemas sociais que não eram elencados nas pautas cotidianas. Algumas delas serão tratadas neste artigo, que buscará trazer ao debate acadêmico um tema pouco explorado e merece reflexão.

Por conseguinte, as singularidades, as demandas e os desafios dessas mulheres se apresentaram como um objeto relevante para a análise, uma vez que se trata de um tema importante tanto para o movimento social, a sociedade civil, as políticas públicas, quanto para a academia.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as singularidades, as demandas e os desafios das mulheres em situação de rua. Se trata de uma pesquisa exploratória que tenta sintetizar as questões que emergiram do trabalho que as autoras realizaram junto a essas mulheres em trabalho de campo.

Além disso, o trabalho também tem como objetivo perceber como o recorte de gênero pode contribuir para compreender melhor os dados quantitativos que emergiram do Cadastro e Mundo da

1 O Boca de Rua é um jornal feito e distribuído por pessoas em situação de rua há mais de 15 anos, com o auxílio de estudantes e jornalistas essa mídia busca noticiar ao público as questões relevantes do cotidiano desse grupo social e ser uma fonte de renda para os seus integrantes.

População de Rua, com as entrevistas realizadas com algumas mulheres.

O objetivo, portanto, é de um panorama sobre essas questões e algumas reflexões a respeito dessas atividades de pesquisa e extensão que viemos realizando.

Métodos

Pensando na multiplicidade de formas de ser mulher em situação de rua optamos por conjugar metodologia quantitativa e qualitativa.

A análise quantitativa foi realizada a partir da leitura e interpretação dos dados do Cadastro e Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre/RS, pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para a Prefeitura de Porto Alegre no ano de 2016. Essa pesquisa visava saber quantas pessoas estavam em situação de rua na cidade de Porto Alegre, assim como, compreender as suas características e modos de vida. Deste modo, foram aplicados amplos questionários com essas pessoas, dos quais se extraíram os dados que são utilizados nesse trabalho. Destaca-se que a nossa análise realizou um recorte de gênero nestes dados.

A pesquisa quantitativa teve como funcionalidade perceber de forma mais

ampla as condições de vida das pessoas que fazem da rua seu local de moradia. Contudo, ao realizar essa etapa de pesquisa, percebemos algumas limitações, uma vez que muitas explicações poderiam ser complementadas a partir da relação que havíamos estabelecido com essas mulheres no trabalho de campo.

Nesse sentido, é parte desse trabalho uma análise qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com duas mulheres em situação de rua.

A finalidade da utilização de metodologia qualitativa é de aprofundar a compreensão das circunstâncias a que estão expostas as mulheres em situação de rua, assim como, para obter uma visão mais completa e aberta em relação às trajetórias individuais.

Mulheres e situação de rua como conceitos

Pessoas em situação de rua e mulheres são dois conceitos que contribuem para a observação e constatação de situações particulares que não são compreendidas quando utilizadas de forma separada. A intersecção entre esses dois conceitos visa apresentar dinâmicas sociais que estão presentes em vivências específicas como forma de

auxilia a reflejar sobre estrategias de enfrentamiento de realidades vulnerables e os mecanismos pelos quais essas realidades podem ser modificadas.

A utilização do conceito de pessoas em situação de rua se baseia no que está disposto na Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Não que as leis sejam eficazes em definições de condições particulares da vida, mas, em especial, o conceito apresentado pela referida norma jurídica se mostra útil na análise que será realizada. Além disso, o que está descrito nesta legislação foi lapidado por diferentes atores que participaram de sua respectiva criação e tem por trás discussões teóricas sobre a sua denominação.

Assim, no art. 1º, parágrafo único, do decreto temos a seguinte definição:

[...] considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009)

Neste conceito, estão abarcadas tanto as pessoas que utilizam logradouros

públicos para moradia, assim como, pessoas que estão utilizando os serviços assistenciais de pernoite ou moradia temporária – neste caso, na cidade de Porto Alegre, estão presentes através dos albergues e abrigos. Cabe destacar, ainda, que este foi o mesmo conceito utilizado pelo Cadastro e mundo da população adulta em situação de rua de Porto Alegre/RS. Por conseguinte, as mulheres que participaram da referida pesquisa e que se encontravam nas unidades de abrigo e albergagem estão abarcadas neste conceito.

De outro modo, o referido conceito aponta o rompimento com a essencialização desta categoria social, ao afirmar que se trata de um grupo populacional heterogêneo contribui para pensar nessas pessoas com diversas características e diferenças sociais que não se enquadram com o estereótipo existente. Diante desta perspectiva, o recorte de gênero apresenta nuances em relação às formas de vivência deste espaço, que não é o mesmo para homens e mulheres.

Em relação ao segundo conceito central deste trabalho, mulheres, do mesmo modo que ao utilizarmos “pessoas em situação de rua” procuramos não essencializar estes indivíduos, não temos a intenção de que o conceito de mulher seja essencializado. Isto é, entendemos

que não existe uma essência intrínseca aos seres humanos que se definem (e são definidos) como mulheres. Ao contrário, há uma multiplicidade de fatores que se interseccionam e diferenciam as experiências do “feminino”. Nesse sentido, trazemos a discussão de Joan Scott (1995) como forma de contribuir para o argumento em torno da definição de gênero como elemento constitutivo das relações baseadas na diferença e dar significado às relações de poder.

É importante ressaltar que embora estejamos pesquisando uma população já estigmatizada e marginalizada, existe uma parte deste grupo - as mulheres - que são duplamente excluídas, pois sofrem toda sorte de violações como os homens, acrescidas das violências e preconceitos decorrentes do machismo.

O gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização, conforme descreve Brah:

O signo “mulher” tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero. Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes “feminilidades” onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares. Diferença nesse sentido é uma diferença de

condições sociais. (BRAH, 2006)

Neste sentido, entendendo que existem circunstâncias materiais e experiências culturais e históricas particulares, pretendemos apresentar um recorte que traga esse contexto. Assim, não é uma existência apenas como mulheres, mas como mulheres em situação de rua, que expõe uma condição social específica e heterogênea dentro dela. (BRHA, 2006).

As mulheres em situação de rua na cidade de Porto Alegre

Os estudos sobre as pessoas em situação de rua têm despertado maior interesse nos pesquisadores nos últimos anos, seja na comunidade acadêmica, seja nos governos (especialmente locais). As pesquisas de cunho quantitativo na cidade de Porto Alegre, por exemplo, vêm demandando esforço por parte da prefeitura em contratar consultoria especializada para efetivá-las, particularmente nos últimos anos. Muitas das vezes os consultores selecionados para este trabalho são também aqueles profissionais, antropólogos e sociólogos, que se dedicam ao tema da população de rua em suas pesquisas acadêmicas, como foi o caso da Pesquisa PopRua.

Essa pesquisa, realizada no ano de 2016 (da qual ambas autoras deste artigo participaram como entrevistadoras de campo) privilegiou um estudo de tipo censitário, que cadastrou pessoas em situação de rua na cidade entre os dias de 08 de setembro de 2016 e 10 de outubro de 2016, e realizou a aplicação de questionário a uma amostra quantitativa da população investigada (25%), com o intuito de compreender de forma mais detalhada as condições de vida das pessoas em situação de rua, suas práticas cotidianas, modos de inserção urbana, condições de saúde, violência, expectativas para o futuro e as relações com as políticas públicas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016)

As equipes de entrevistadores percorreram as ruas de toda a cidade, realizando a aplicação de cadastro e de questionário amplo sobre diversos temas que foram julgados como relevantes pelo grupo de trabalho. Cabe destacar que esse projeto foi composto por diversos atores do meio social, através de pesquisadores, membros da comunidade acadêmica, representantes governamentais, servidores públicos vinculado a assistência social, assim como, pelos mais interessados nesta pesquisa, as pessoas em situação de rua, através do Movimento Nacional da

População de Rua (MNPR) e do Jornal Boca de Rua.

A Pesquisa PopRua observou a presença de 2.115 adultos em situação de rua na cidade, representando um aumento de 57% em relação a pesquisa anteriormente realizada, no ano de 2011, que encontrou o total de 1347 pessoas.

As mulheres em situação de rua representam o percentual de 13% dessa população, segundo a pesquisa de 2016, demonstrando que a proporção entre mulheres e homens que se encontram em situação de rua se manteve estável, se compararmos com a pesquisa anterior que concluiu pelo percentual de 17% de mulheres.

O percentual de mulheres diminuiu, mas como o número total cresceu bastante, a quantidade de mulheres se manteve parecida: algo em torno de 270 mulheres vivendo em situação de rua em Porto Alegre. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016)

Realizaremos agora alguns apontamentos a respeito das diferenças nas experiências entre homens e mulheres, observando os dados obtidos pela Pesquisa PopRua, as entrevistas e, também, a experiência de campo dos últimos anos. Dedicamos atenção especial na análise do Cadastro e Mundo da População de Rua - que denominaremos a partir de agora de Pesquisa PopRua -

para as questões de saúde das mulheres, relações afetivas, vínculos familiares e violência.

O primeiro apontamento é em relação a questão da percepção dos indivíduos sobre sua saúde.

De uma forma geral, destaca-se que, em geral, as mulheres se percebem mais doentes que os homens, uma vez que à exceção de “tuberculose” e “dependência química/álcool”, as mulheres aparecem na frente com relação aos tipos de doenças. Além de “dores no corpo”, que pode ser considerado muito amplo, as maiores porcentagens se referem a “problemas nos dentes”, “doença mental” e “doenças respiratórias”, todas acima dos 40%. Isso pode indicar que as mulheres, mesmo em situação de rua, estão mais propensas ao cuidado com o corpo e a saúde, já que demonstram índices maiores quando questionadas sobre as doenças.

Outro dado que chama atenção são os números de “HIV/AIDS” e “DST”, que além serem doenças presentes em respectivamente 29,2% e 16,4% das mulheres, são três vezes mais frequentes do que na população masculina. Esta maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS entre as mulheres pode ser corroborada pela matéria da edição nº 59 do Jornal Boca de Rua, na qual as mulheres relataram ter dificuldade em retirar anticoncepcionais orais e preservativos femininos no Consultório na Rua1 (JORNAL BOCA DE

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016

Sexo	Sexo	Tipos de doenças
Mulheres	Homens	Doenças de pele
12,3	7,1	DST
16,4	5,4	HIV/AIDS
29,2	11,3	Doença mental
49,3	32,7	Dependência química/álcool
40,5	61,6	Doenças respiratórias
43,2	18,7	Tuberculose
5,5	7,5	Diabetes
13,3	3,4	Hepatite
12,5	7,5	Cardíacas
12,2	8,9	Dores no corpo
54,1	41,1	Pressão alta
30,7	18,3	Problemas nos dentes
49,3	47,1	Deficiência física
13,9	12,8	

RUA, 2016). Por outro lado, a retirada de preservativos masculinos neste mesmo posto de saúde ocorria com facilidade, o que coloca preponderantemente nas mãos dos homens a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.

O conhecimento das referidas doenças por parte das mulheres, também pode ser relacionada com o cuidado extensivo que o Estado tem com as mulheres que engravidam, pois, estando nesta condição é imperativo que façam acompanhamento pré-natal e estejam atendidas pelo serviço de saúde até o momento do parto. Momento em que são diagnosticadas com as referidas doenças. Aliás, a política de saúde para as mulheres em situação de rua está vinculada, quase que exclusivamente, com a maternidade, uma vez que é neste momento em que o Estado passa a ter mais atenção a este grupo social, em razão das políticas de proteção à criança.

A questão da maternidade, inclusive, é um tema em destaque quando se trabalha com as mulheres em situação de rua, o que podemos perceber tanto através do trabalho de campo, quanto pelas entrevistas realizadas. É nesse estágio que o Estado tem um controle maior sobre o corpo da mulher e que, muitas vezes, se encerra com o fim da

gestação e com a retirada das crianças do cuidado das mães.

As duas entrevistadas foram mães na adolescência quando estavam em abrigos. Joana² ao final desta sua única gestação foi internada compulsoriamente, sob justificativa de ser usuária de drogas – motivo negado pela Joana - e teve seu filho retirado de seus braços ainda no hospital. Não pode amamentá-lo no peito, só com mamadeira e apenas por um dia, sendo que após receber alta, nunca mais teve notícias do filho, ainda que não tenha assinado nenhum papel entregando o filho para adoção. Já Maria teve sua primeira filha quando vivia em um abrigo para menores, em seguida começou a trabalhar, alugou uma casa e quando sua filha tinha dois anos foi retirada pela justiça, sob alegação de que a criança estava em um ambiente inadequado, visto que a mãe de Maria e o pai do bebê eram usuários de drogas.

O relato das duas entrevistadas não são exceções, a retirada dos filhos é um tema recorrente para esse grupo social. Sendo que, em diversos casos o rompimento do contato com estes é imediato, sendo difícil a recuperação deste vínculo. Maria, inclusive, relatou que

2 Os nomes foram alterados para preservar a identidade dessas mulheres.

após anos sem contato com a filha, foi procurada por esta – já adolescente – que ainda se encontra no abrigo para menores. Este reencontro marca em sua trajetória um esforço para a saída da rua, estabelecimento de condições propícias para que retome a guarda da menina.

Outro dado que merece destaque se refere às relações familiares, há uma diferenciação na resposta ao questionamento sobre a existência de parceiro(a) fixo(a), nas seguintes condições:

Em 2016, aqueles que disseram ter companheiro(a) fixo(a) representam 22,4%, menos de 5 pontos percentuais em relação à pesquisa de 2007-8. Há uma diferenciação de gênero importante, pois 59,5% do total de mulheres assumiu ter companheiro(a) fixo(a) na atualidade. Do total de homens, somente 15% encontra-se nesta condição. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016)

Para as mulheres que estão em situação de rua, a existência de uma relação é maior se comparada aos homens, uma vez que a maioria delas disseram que possuem uma companhia. Entendemos que mesmo que estar em uma relação amorosa seja uma estratégia de preservação física, haja vista a vulnerabilidade a que estão expostas as mulheres que fazem da rua o seu espaço privado, este não é o motivo determinante

para a maior taxa em relacionamentos pelas mulheres.

Aliás, foi isso que Rosa e Bretas perceberam em seu estudo sobre a violência na vida de mulheres em condição de rua na cidade de São Paulo/SP, de que a maioria das mulheres optou por garantir sua própria segurança, não necessitando de vinculação com os homens para proteção, subvertendo, assim, estereótipos de frágeis e dependentes (ROSA E BRETAS, 2015), o que vem ao encontro do que percebemos nas entrevistas.

Tanto Maria quanto Joana têm parceiros fixos há mais de um ano. Joana inclusive afirmou ter tido três companheiros desde a adolescência e sugeriu não ter ficado muito tempo solteira na rua. Maria, que está em uma relação estável com André há quase dois anos, comentou da importância de ter um homem por perto como forma de garantir a segurança das mulheres que vivem nas ruas, contudo, afirmou esta segurança não precisa necessariamente vir de um parceiro afetivo-sexual, mas que apenas um amigo ou uma amiga já supre essa necessidade.

Quanto aos riscos a que estão suscetíveis vivendo nas ruas, ambas as entrevistadas destacaram a violência, sendo que o fato de serem mulheres a coloca ainda mais vulneráveis a outras

formas de violências que os homens não estão expostos. Neste sentido, Maria afirmou que mulheres em geral já sofrem risco, mas as que vivem nas ruas estão mais propensas a sofrer, em razão da própria dinâmica que estar na rua proporciona. Ademais, a questão da violência sexual se fez presente em ambos os relatos, visto que as duas sofreram essa forma de violência por estarem em situação de rua, sendo cometidos tais abusos por agressores estranhos.

O relato a respeito de violência sexual também foi constante no trabalho de campo, o que converge com o que encontramos nas entrevistas. Em especial, quando realizada a matérias sobre as mulheres em situação de rua para o Jornal Boca de Rua, a maioria das mulheres relataram ter sofrido em algum momento de suas trajetórias pessoais violência sexual, tanto quando eram jovens, quanto após a ida para as ruas. Não sendo, inclusive, perpetradas apenas por estranhos, uma vez que a violência de gênero também ocorre no relacionamento com outros moradores de rua – tanto companheiros, quanto conhecidos. Deste modo, o tema da violência sexual e de gênero está presente, em diferentes graus, para as mulheres que fazem da rua seu espaço de moradia.

Por fim, ainda gostaríamos de trazer a questão da prostituição. Os dados trazidos pela pesquisa apontam que 8,8% dos entrevistados responderam que a principal atividade ocupacional destinada à sobrevivência é a prostituição, contudo este dado não está recortado pelo gênero, uma vez que foi respondido tanto por homens, quanto por mulheres (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016). Apesar disso, a prostituição apareceu no trabalho de campo com as mulheres, assim como nas entrevistas.

As duas entrevistadas afirmaram terem praticado prostituição em determinado momento de suas vidas, por imposição de terceiros. Joana relata que foi prostituída por sua tia, assim que saiu da FEBEM e Maria também relatou essa atividade. Esta afirmou que realizava programas com a finalidade de manter o seu vício químico, e que o seu companheiro atual auxiliou ela a parar de realizar esta atividade.

Por conseguinte, ainda que o tema da prostituição tenha diversos posicionamentos dentro do movimento feminista, tanto em linhas abolicionistas, que entendem ser a mercantilização do corpo uma prática a ser combatida, quanto por linhas que entendem ser uma forma de autonomia do corpo da mulher, o que presenciamos nos relatos foram que

tais atividades ocorreram de forma impositiva, em decorrência da situação de vulnerabilidade social ou em razão da dependência química. Contudo, não podemos tirar mais conclusões a respeito de como as mulheres em situação de rua percebem essa atividade, uma vez que os dados coletados são ínfimos em relação ao todo desta população, inviabilizando quaisquer generalizações.

Portanto, através desta pesquisa podemos perceber a existência de singularidades do grupo das mulheres em situação de rua, se comparadas com os homens, apresentando problemas sociais complexos e interseccionados pela perspectiva de gênero. O que corrobora com a nossa tese inicial de que este grupo merece um olhar diferenciado por parte dos movimentos sociais, da sociedade civil, do governo e dos acadêmicos.

Conclusões preliminares e desafios futuros

Essa pesquisa teve como objetivo realizar um estudo exploratório a respeito das condições de vida das mulheres em situação de rua, em uma forma inicial de apresentar as situações que são relevantes para esse grupo social e que necessitam de uma pesquisa que aborde questões pouco trabalhadas nos meios acadêmicos que pesquisam população em

situação de rua. Comprendemos a importância de prosseguir estudando a especificidade de gênero na situação de rua, haja vista suas especificidades e demandas latentes, que muitas vezes não tem sido incorporada aos debates de população de rua em geral - que é imprescindível -, o que as relega a um tema desimportante.

Algumas conclusões podemos tirar com essa pesquisa, em primeiro lugar em relação a questão da maternidade para as mulheres em situação de rua, através de suas falas e da experiência de campo se mostra um problema social que merece ser debatido. Percebemos, assim, um tratamento do Estado com elas apenas nesse período, com uma atenção apenas para o feto e o bebê, sem considerar os danos que o rompimento do vínculo familiar pode causar para essas mulheres. Além da ausência de atenção e violação de direitos, como pela internação compulsória e pela retirada dos filhos sem maiores explicações.

Também percebemos que a violência sexual e de gênero está presente de forma constante, sendo mais intensa que para as mulheres em geral. Assim como, não está exclusivamente vinculada à vivência na rua, mas que perpassa diferentes âmbitos de suas trajetórias, que podem inclusive culminar com a saída de seus lares.

De uma forma geral, percebemos que são apresentados temas importantes para aprofundamento, além dos destaque acima, também temos a questão da saúde da mulher em situação de rua, o rompimento do vínculo parental com os filhos, a violência de gênero e a prostituição. Esses temas, que são bem marcados nos relatos das entrevistadas, são pouco debatidos nas pesquisas a respeito dessa população, por conseguinte, entendemos ser um tema que merece destaque político e científico. Entendemos, por fim, que esse trabalho se propõe a trazer essa discussão para a academia e, também, para o debate público das mulheres em situação de rua.

Bibliografía

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*. Campinas. n. 26, p. 329-376, jun. 2006 .

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009.

DORNELLES, A. E., SILVA, M. B., GEHLEN, I., & SCHUCH, P. (2012). O retrato censitário da população adulta em situação de rua em Porto Alegre. In SHUCH, P. (Org.) *A rua em movimento: debates acerca da população adulta em*

situação de rua na cidade de Porto Alegre. Porto Alegre.

GOMES, L. E. *População em situação de rua aumenta em mais de 50% em cinco anos.*(15 de Dezembro de 2016). Acesso em 04 de Janeiro de 2017, disponível em Sul 21: <http://www.sul21.com.br/jornal/porto-alegre-populacao-em-situacao-de-rua-aumenta-em-mais-de-50-em-cinco-anos/>

JORNAL BOCA DE RUA, edição nº 59, 2016.

ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. *A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo*. Brasil. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. 01/2015, 19(53), p. 275-285. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v19n53/1807-5762-icse-19-53-0275.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Cadastro e mundo da*

*população adulta em situação de rua de
Porto Alegre/RS. Porto Alegre, 2016.*

